

INTENSIFICAÇÃO GOVERNAMENTAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: OUTRAS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DO TRABALHO DOCENTE

Marlucy Alves Paraíso¹

Resumo

Baseada nos estudos sobre *governo* de inspiração foucaultiana, analiso, neste trabalho, as técnicas e estratégias dispostas no discurso da mídia educativa brasileira sobre a educação escolar para o governo dos professores. Nesse discurso são divulgadas técnicas emotivas, sedutoras e responsabilizadoras com o objetivo de capturar o docente para que conduza o seu trabalho e a si mesmo de acordo com as sugestões e prescrições que lhes são dadas pelas políticas educacionais e pela própria mídia educativa. Trata-se de todo um trabalho endereçado aos docentes para que possam tornar-se parceiros da educação, sujeitos da ação, co-responsáveis pela sua formação, pela condução de crianças e jovens e pela escolarização da população brasileira. O argumento defendido é o de que há uma intensificação governamental sobre o trabalho docente que, para se efetivar, conta com a aceitação do próprio docente. Mostro, então, como as habilidades demandadas dos docentes são conectadas a um tipo de pensamento que é autorizado e como as técnicas utilizadas terminam por mobilizar a aliança entre as metas propostas para a transformação da educação e a conquista da auto-realização individual dos docentes.

Palavras-chave: governo, trabalho docente, mídia educativa.

Governmental Intensification in school education: other control strategies of docent work

Based on studies about *government*, of 'foucaultian' inspiration, it will be analysed, at the present paper, the techniques and strategies available in the Brazilian education media discourse about school education for the government of the teachers. In this discourse emotional, seductive and responsible-like techniques will be disclosed aiming to attract the docent so that they are able to guide themselves and their work according to the suggestions and prescriptions given to them by the education policies and by the education media itself. It is a work addressed to docents so that they become partners in the education process, subjects of the action, co-responsible for their own formation, co-responsible for the orientation of children and adolescents and for the school education of the Brazilian population. The argument supported is that there is a governmental intensification over the docent work that, to become effective, has to count on the docents acceptance. Therefore, it will be presented here, how these abilities demanded from docents are connected to a kind of thought which is licit and how the techniques applied drive to the mobilization of an alliance between the proposed aims for the transformation of education and the conquest of the docents individual self-fulfillment.

Key-words: government, docent work, education media.

¹ Professora da Faculdade de Educação da UFMG. Email para correspondência: marlucy.paraíso@terra.com.br



Introdução

A educação escolar constitui-se em um campo propício para ações, experimentações e intervenções. Afinal, soluções para o processo de escolarização só puderam ser ensaiadas, formuladas e praticadas após a educação escolar ter sido transformada em um território "sobre o qual é possível agir" (Cruikshank, 1999, p. 40). Desse modo, "declarar guerra" aos problemas da escola, à sua ineficiência, à sua falta de "qualidade" e ao despreparo dos/as professores/as para lidar com ela, só é possível porque esse campo está aberto à ação; ele constitui-se em um lugar propício para se agir, um lugar em que o *governo* pode intervir. Governo aqui é entendido como uma "questão de gerenciamento calculado das questões de cada um e de todos a fim de se alcançar certos objetivos desejáveis" (Rose, 2001a, p.41). Governo refere-se, portanto, às formas pelas quais governamos e somos governados; refere-se à relação entre o governo de Estado, dos outros e de si mesmo (Foucault, 1995a e 2000a).

A educação escolar, transformada em um território propício para se exercer o *governo da população* (Foucault, 1997a e 1997b), tem sido alvo de uma grande quantidade de programas, políticas e reformas planejadas e implementadas na contemporaneidade para colocá-la no "rumo certo". A escola pública brasileira, em especial, tem sido alvo de discursos que, não somente enfatizam a sua importância para o desenvolvimento do País, mas, também, nomeiam seus problemas, mapeiam suas demandas, descrevem suas fragilidades e apresentam as ações consideradas necessárias para sua própria mudança e a conseqüente mudança do Brasil. Enunciados sobre seu papel e sua importância circulam em diferentes espaços sociais: na universidade, nos institutos de pesquisa, nas famílias, nas instituições assistencialistas, políticas e na mídia. Parte significativa desses discursos são endereçados aos professores e às professoras brasileiros/as ou têm esses profissionais como foco de suas descrições, de suas críticas, de suas esperanças e de seus comentários.

Na mídia educativa brasileira, por exemplo, tem circulado discursos claramente destinados a "salvar a escola pública brasileira", a auxiliar na formação e no esclarecimento do/a docente para que possa agir e solucionar os inúmeros problemas educacionais existentes, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do Brasil. Trata-se de um discurso para e sobre a educação escolar que utiliza enunciados de diferentes *campos discursivos* (Foucault, 1995b) e aciona diferentes estratégias para apresentar como corretas determinadas maneiras do/a professor/a conduzir a sua prática docente. Nesse discurso são usadas também *técnicas para subjetivar*² os docentes de modo a que possam co-responsabilizarem-se pelas questões educacionais.

Trago neste estudo algumas ferramentas analíticas do campo da "*governamentalidade*"³, de inspiração foucaultiana, para discutir as relações entre poder, saber e subjetividade em uma parte do discurso da mídia educativa brasileira sobre a educação escolar⁴. Michel Foucault, especialmente em suas produções do final dos anos 70 até meados dos anos 80, substituiu o conceito de poder, que trabalhara até então, pela noção de *governo* para discutir os modos como somos conduzidos e conhecidos por outros indivíduos (Foucault 1991 e 1997b). Estava preocupado com o que chamou de *arte de governar*: o modo considerado correto de gerenciar meticulosamente os indivíduos e a forma como esse gerenciamento foi utilizado na gestão de um Estado (Foucault, 2000a, p.281). Utilizando, portanto, *governo* para designar a "maneira de

² A *subjetivação* é o processo por meio do qual nos tornamos *sujeitos* de determinados tipos. Para Foucault (1993) existem dois significados para a palavra *sujeito*: *sujeito a* alguém pelo controle e pela dependência, e *preso à* sua própria identidade por uma consciência ou auto-conhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna *sujeito a* (p. 235).

³ Entendida como "a emergência de racionalidades políticas ou mentalidades de governo, no qual o governo se torna uma questão de gerenciamento calculado das questões de cada um e de todos a fim de se alcançar certos objetivos desejáveis" (Rose, 2001a, p. 41). Veja também Foucault (1997b e 2000b).

⁴ A pesquisa que subsidia este trabalho estudou cinco programas (*Nota 10, Ação, Jornal Futura, Acelera Brasil e Amigos da escola: focos de atuação*) do Canal Futura – canal televisivo que se autodenomina "canal do conhecimento", criado pelo setor privado de telecomunicações e que envolve "a parceria" de um conjunto de quinze grupos empresariais brasileiros e estrangeiros –, com a revista *TV Escola* – publicada e distribuída para as escolas públicas brasileiras pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC) – e com campanhas publicitárias que falam sobre a educação escolar.



“moldar, guiar e dirigir a conduta de indivíduos ou de grupos”, o termo não é empregado por Foucault no mesmo sentido que adquiriu na Modernidade – o de gestão e administração dos Estados. Foucault apóia-se no sentido que o termo governo tinha no séc. XVI, para significá-lo como “conduta da conduta” (1995a, p.234), e para mostrar como o Estado não é a origem do governo, mas sim o constituinte e constituidor de um campo de cálculos e de intervenções (Foucault, 2000a, p.247).

Trabalhar com essa perspectiva de governo – desenvolvida posteriormente por diferentes autores vinculados à chamada “Escola da Governamentalidade” – significa atentar à diversidade de forças envolvidas na regulação da vida dos indivíduos, objetivando fins diversos. Trata-se de analisar uma evidente mudança nas formas de controle com as quais aprendemos a lidar. Em síntese, o Estado, nas sociedades contemporâneas, não é o único lugar de exercício do poder. O governo dos indivíduos, o controle das instituições e a administração da sociedade não são funções apenas do Estado. As estratégias de controle se espalharam por todo o campo social.

A mídia é, sem dúvida, uma importante instituição de controle, uma aliada estratégica no processo de *governo* de Estado na contemporaneidade. Neste trabalho, mostro que há uma intensificação governamental sobre o trabalho docente no discurso da mídia educativa brasileira sobre a educação escolar. Para esse governo, são usadas estratégias que contam com a aceitação do docente, e são divulgadas técnicas emotivas, sedutoras e responsabilizadoras com o objetivo de capturá-lo para que conduza o seu trabalho e a si mesmo de acordo com as sugestões e prescrições que lhes são dadas pelas políticas educacionais e pela própria mídia educativa. Trata-se de todo um trabalho endereçado aos docentes para que esses possam tornar-se parceiros da educação, sujeitos da ação, co-responsáveis pela sua formação, pela condução de crianças e jovens e pela escolarização da população brasileira.

Neste trabalho, portanto, analiso as técnicas e estratégias dispostas no processo de governo dos professores, que fazem da administração do/a docente uma tecnologia de governo, e que transformam o campo da formação de professores em uma nova, eficaz e abrangente tática de governo de Estado. Mostro como as habilidades demandadas dos docentes são conectadas a um tipo de pensamento que é autorizado e como as técnicas utilizadas terminam por mobilizar a aliança entre as metas propostas para a transformação da educação e a conquista da auto-realização individual dos docentes.

Prescrições da mídia educativa para a conduta do/a docente em seu trabalho

“Não há dúvida de que a humanidade, em todas as épocas, tem refletido sobre a própria conduta assim como sobre a conduta alheia, mas esse pensamento se torna governamental na medida em que procura mostrar-se técnico para inserir-se no mundo” (Rose, 1996b, p. 40).

“Ensinar de modo diferente”: de modo “mais moderno e prazeroso”. “Fazer do ensino uma prática de cidadania”. “Implementar o currículo de forma bem-humorada”. Conceber o ensino e o currículo de maneira “mais atual e coerente com os tempos em que vivemos”. Tomar “a prática docente mais dinâmica, eficiente e criativa”. Analisar o modo como planeja e conduz as suas aulas; detectar aí os problemas e resolvê-los. “Investir no seu próprio esclarecimento”. “Ter bem desenvolvidas as competências da leitura e da escrita”. “Capacitar-

⁵ Trata-se de um conjunto de trabalhos que, com base na perspectiva de governo de Foucault, discutem as tecnologias, práticas e estratégias para a *conduta da conduta*. Tais produções surgem e se espalham nos anos 90, especialmente por meio das produções de autores como: Burchell, Gordon e Miller (1991), Rose (1996a, 1996b e 1997), Hindess (1997), Cruikshank (1999), Dean (1999), entre outros.



se a trabalhar em equipe". "Ser capaz de gerenciar a sua própria formação".⁵ "Estudar"! "Ter disposição para aprender". "Diversificar os materiais" para "fazer uma prática pedagógica mais eficiente". "Fazer um bom uso dos programas televisivos no planejamento e desenvolvimento das aulas". "Aprender com os diferentes Programas destinados à educação". "Usar a informática para revolucionar o ensino". "Implementar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)". "Ficar atento às novas práticas de ensino" e "construir experiências educacionais bem-sucedidas". "Esquecer as dificuldades" e "driblar os problemas". Não se "desanimar jamais!" Não esquecer nunca dos "bons sentimentos que temos" dentro de nós mesmos: Deixar que eles "se aflorem em sala de aula". Lembrar sempre do "importante papel do/a professor/a" na vida de crianças e jovens carentes que "precisam dar certo na escola" para "dar certo na vida".

Essas atitudes propostas nos textos midiáticos analisados – para "a concretização de um novo ensino", "a construção de uma escola de melhor qualidade", a execução de "práticas educacionais bem-sucedidas", a "mudança da educação" e a "escolarização plena da população brasileira" – demandam todo um tipo de investimento do docente para que sejam efetivadas. Para desempenhar tais atitudes, os docentes brasileiros são instruídos a se dedicarem inteiramente à educação, a assumirem sua "responsabilidade social" e a serem profissionais que assumam os seus deveres e ajam para o bem da educação e do país.

Contudo, para que os docentes "gerenciem a sua própria formação" – uma meta declarada no discurso analisado –, deve haver um equilíbrio entre ouvir as autoridades da mídia educativa e ouvir a si mesmos. Por isso, são sugeridos exercícios e procedimentos que os docentes devem operar sobre eles mesmos. *Tecnologias humanas* – "tecnologias que tomam modos de ser humano como seu objeto" (Rose, 2001a, p. 38) – produzem e enquadram os docentes como certos tipos de seres, para orientar ou moldar suas condutas nas direções desejadas, ensinando-lhes modos considerados certos de ser professor, habilidades apropriadas à sua profissão e procedimentos que devem ter em relação a eles mesmos e aos seus alunos. Vejamos, então, algumas habilidades e alguns procedimentos insistentemente ensinados na mídia educativa brasileira e demandados dos/as docentes em seu trabalho.

A formação do olhar para ver a realidade e agir sobre ela

"O conhecimento também se amplia quando desenvolvemos um novo olhar".⁶

"A formação do olhar do professor é importante para que ele saiba ver os problemas e agir para solucioná-los".⁸

A "formação do olhar"⁹ constitui-se em uma importante prática ensinada na mídia educativa e demandada dos professores em seu trabalho. A mídia educativa explica que o redirecionamento do olhar, "o olhar atento sobre a realidade", sobre si mesmo e sobre a sua prática farão com que os docentes vejam as coisas do modo como elas são de fato. Afinal, uma pessoa comprometida com a mudança da educação, "não pode olhar sem ver os problemas que a rodeiam". Os professores são convidados a perceber que muitas pessoas vivem como se estivessem de "olhos vendados", em seu mundo à parte. Mas é preciso saber que "o verdadeiro cidadão olha para os lados", olha para si mesmo, "procura ver a realidade" e cumprir

⁵ Retirei esses fragmentos discursivos dos programas do Canal Futura analisados, dos comerciais e da revista *TV Escola*. Entretanto, na *Folha de S. Paulo on-line*, do dia 06/02/2002, encontrei uma entrevista de Maria Amabile Mansutti, diretora do Departamento de Política de Educação Fundamental do MEC, na qual discutia as ações do MEC para a formação continuada dos/as professores/as. Na entrevista ela afirma: "O ministério visa o desenvolvimento de três competências entre os professores: da leitura e escrita; do trabalho em equipe e por fim, da capacidade de gerenciar sua própria formação". Vê-se que as habilidades demandadas dos/as docentes pelo discurso analisado são repetidas em outros meios e por outros/as especialistas.

⁷ José Manuel Moran (professor de Novas Tecnologias na Escola de Comunicação e Artes da USP e consultor da TV Escola), revista *TV Escola*, n. 21, p. 36, out./nov. 2000.

⁸ Pronunciado por Letícia Sabatela, em um episódio do programa *Nota 10*.

⁹ "Formação do Olhar" é o título de uma série de cinco episódios do programa *Nota 10*.

com sua responsabilidade social. Nesse discurso, diz-se que quando o docente conseguir ver a realidade como ela é de fato, não ficará mais passivo diante de tanta coisa a ser feita.

É explicado aos docentes, então, que, para enxergar as coisas, "a visão apenas não basta". Para ver a realidade como é ela de fato, será preciso um olhar "atento", "reflexivo" e "avaliativo". Isso demanda todo um empreendimento: exercícios do professor para com ele mesmo, sensibilidade e atenção. A construção de "um olhar que vê o que olha" precisa de uma "formação", e a mídia educativa está disposta a ajudar os docentes a adquirirem essa habilidade".

Para isso, em uma espécie de complementaridade, em alguns momentos os textos midiáticos ensinam as teorias que devem subsidiar as práticas pedagógicas e o olhar da professora sobre a realidade (em sua maioria teorias psicológicas)¹⁰ – como o faz, por exemplo, o programa *Nota 10*. Em outros momentos, o aval dos especialistas é importante para orientar o olhar docente e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas inspiradas ns teorias apresentadas – como o faz, por exemplo, a revista *TV Escola*. Ela entrevista diferentes *experts* do MEC, diferentes consultores para avaliar um determinado tema, para discutir os reais problemas da educação e ensinar como fazer para vê-los e solucioná-los.

Contudo, em outros momentos, essas teorias são transformadas em técnicas, que são divulgadas para "subsidiar" ou "reorientar" as práticas dos professores. São divulgados pelos textos midiáticos analisados os encontros realizados com os chamados "multiplicadores" (criados pela própria Secretaria de Educação a Distância SEED/MEC) ou com os "mobilizadores" (inventados pelo Canal Futura) que ensinam a grupos de professores técnicas – tais como "motivação", "sensibilização", "descrição e análise da realidade", "conscientização" e "auto-avaliação" – consideradas importantes para a formação do olhar do professor e, conseqüentemente, para a construção de práticas educacionais bem-sucedidas. Os professores que participam desses encontros devem, posteriormente, tornar-se "multiplicadores" em suas escolas e municípios.

São divulgadas também as oficinas realizadas pela mídia educativa. Tais oficinas são ações implementadas em determinados municípios, nos quais "a carência na formação docente é muito grande", pela SEED/MEC em parceria com Secretarias de Educação Municipais, e em outros municípios pelo Canal Futura e seus parceiros. Elas são conduzidas pela figura da "gerente de educação" ou pela "diretora da equipe de mobilização". Nessas oficinas, outras técnicas são utilizadas para o treinamento do docente: "sensibilização do grupo", "observação da realidade em que vivem", "estratégias de diálogo com a comunidade" e "a fala ou o relato de experiências". Os relatos são feitos com detalhes minuciosos de como ficou motivado, onde buscou inspiração, como fez para despertar o interesse dos alunos, como esclareceu suas dúvidas etc.

Em síntese, observa-se que o governo dos docentes é posto em funcionamento na mídia educativa por meio da capacidade de vários *experts* instruídos para viabilizar a operacionalização de uma fórmula. Nessa fórmula, as teorias, explicações e informações especializadas oferecidas por mobilizadores, por gerentes em educação, por apresentadores de programas, por jornalistas, por parceiros (empresariais) do Futura, por especialista em educação e por grupos de professores são conectadas a determinados modos de pensamentos e a complexos métodos de governo. Mais do que "formar o olhar" do docente, nessas estratégias de governo, a mídia educativa procura "governar por meio das escolhas regulamentadas dos cidadãos individuais, agora construídos como sujeitos de escolhas e aspirações de auto-atualização e auto-realização" (Rose, 1996b, p. 39). Essa nova metodologia de governo – que é chamada por Rose de "liberal avançada" – procura "desgovernamentalizar o Estado e desestatizar as práticas de governo", colocando os "peritos dentro de um mercado governado pelas racionalidades da competição e da responsabilidade" (Rose, 1996b, p. 39). Como os indivíduos devem ser governados por meio de suas liberdades, as estratégias de governo são planejadas de forma a seduzir os governados para que entendam que estão fazendo por sua livre escolha.

¹⁰ Para ver uma análise das teorias psico-críticas ensinadas pela mídia educativa brasileira, cf. Paraiso (2004).



A curiosidade e a criatividade para aprender sempre

"A TV Escola não faz milagre sozinha", diz Verônica. Ela depende do professor criativo, que não tem medo de errar e que sente muita vontade de inovar".¹¹

"A revista TV Escola abre caminhos e nos estimula a atividades cada vez mais criativas".¹²

"O professor Aloir Draco, da Escola Padre Volkers, de Marilândia, fez um desenho para sintetizar o que segundo a opinião de muitos participantes do encontro deve ser o papel da TV. Pôs um aparelho de TV no telhado da escola e explicou: 'A TV deve abrir a cabeça da escola'".¹³

"Com o intuito de termos cada vez mais consistência no caminho a ser trilhado, e na busca incessante pela melhoria na qualidade do ensino, é de suma importância estarmos sempre bem informados. A TV Escola juntamente com essa maravilhosa revista, nos permite responder a qualquer dúvida".¹⁴

Na mídia educativa divulga-se que o uso da TV e o trabalho com os PCN são importantes para a realização de uma boa prática pedagógica. Mas, divulga-se também que o professor não conseguirá despertar o gosto pela descoberta e pelo conhecimento se não dominar uma habilidade fundamental à sua prática: a *curiosidade*. É preciso a curiosidade para "inquietar" a si mesmo. Com a curiosidade os docentes buscarão por si mesmos "aprender aquilo que não sabem" e "ensinar aquilo que aprenderam". A curiosidade fará com que "descubram o novo", "conheçam o desconhecido" e "vejam os efeitos das suas descobertas na aprendizagem dos alunos". Por isso a importância dessa habilidade considerada, pela mídia educativa, "difícil de ser ensinada", mas "necessária para que o professor construa práticas de ensino bem-sucedidas".

Os depoimentos de professores considerados curiosos e criativos são apresentados freqüentemente no Canal Futura. As "novas" práticas que construíram por dominar essa habilidade também são divulgadas e avaliadas com "nota 10". Mas aqueles professores que se colocam como aprendizes também ganham destaque nos textos midiáticos, especialmente na revista *TV Escola*. É o que acontece, por exemplo, com o professor Edvaldo Nepomuceno¹⁵ que, em um longo depoimento sobre as angústias dos professores que se dizem "apavorados" diante "dos meios de comunicação", reafirma a importância do professor estar disposto a aprender. Ele diz:

"Todas as luzes da ribalta foram usadas para diminuir a figura do professor. Mas não se desesperem. A figura quase inócua do mestre não vai desaparecer do cenário. Como previa o grande educador baiano Anísio Teixeira, seremos transformados em guias e estimuladores do estudante. Prescindir do professor amanhã? De forma alguma. A maioria dos dirigentes da educação ainda pensa como Guimarães Rosa: mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que, de repente, aprende".¹⁶

No discurso da mídia educativa divulga-se que o docente que tem disposição para aprender não deve se preocupar, porque não desaparecerá. Aquele que é curioso não desaparecerá porque, sendo movido pela curiosidade e tendo disposição para o estudo, é capaz de ser um bom profissional. Depoimentos de professores são divulgados para mostrar a importância da curiosidade e da disposição para aprender. Em muitos depoimentos, os professores falam que estão procurando ler, estudar, e que estão crescendo com isso. Uma professora¹⁷ diz:

¹¹ Revista *TV Escola*, n. 15, p. 27, maio/jun. 1999.

¹² Professora Geralda Aparecida Silveira da Escola Municipal J. Francisco Nogueira, Ouro Branco, MG. Revista *TV Escola*, n. 20, p. 7, ago./set. 2000.

¹³ Revista *TV Escola*, n. 15, p. 28, maio/jun. 1999.

¹⁴ Arquecelina M. Sá é Superintendente de Teleeducação da 8ª Região de Ensino, Catolé da Rocha, PB. Revista *TV Escola*, n. 19, p. 7, maio/jun. 2000.

¹⁵ Professor do Colégio Rui Barbosa, Rialma, GO.

¹⁶ Revista *TV Escola*, n. 19, p. 6, maio/jun. 2000.

¹⁷ Maria do Socorro Costa é professora da Escola Estadual Prof. Oneides S. Tavares, Marabá, PA.



"Estou curiosa para ver as novidades da próxima edição da revista *TV Escola*, pois cada vez que leio uma nova edição, cresço muito... Tenho até a impressão de que sou professora caloura [...]".¹⁸

É importante no discurso analisado que o professor se porte como um/a calouro/a, ávido/a por conhecer e aprender. Esses docentes passam a ter voz na mídia educativa para auxiliar na condução da conduta de outros docentes que precisam ser capturados para se responsabilizarem pelos seus estudos, pela sua própria formação e pelo seu trabalho. Os docentes são orientados a considerarem a prática docente "uma aventura pelo conhecimento", a praticarem as receitas que estão "dando certo" e a "experimentar novas receitas". Afinal, na educação – ensina a mídia educativa citando Anísio Teixeira –, "tudo está a mudar e a se transformar".¹⁹

Em síntese, a curiosidade é solicitada ao docente na mídia educativa como importante para que busque se informar, estudar e aprender. É claramente uma habilidade considerada importante para que, aos poucos, o professor possa se autogovernar. Produzindo-se como curioso, ele acaba exercendo sobre si mesmo um exercício constante de reflexão, avaliação e busca. Com essa prática, o docente deve manter-se sempre alerta, em um vigilante cuidado de si, tornando-se, aos poucos, um governante de si mesmo para exercer eficientemente o governo de crianças e jovens brasileiros/as e, conseqüentemente, contribuir para o governo de Estado. Afinal, governar a si mesmo é uma importante estratégia no processo de governo de uma população, pois, como sintetizou Foucault, "quem deve comandar os outros é aquele que é capaz de exercer uma autoridade perfeita sobre si mesmo" (Foucault, 1986, p. 75).

A coragem e a perseverança para enfrentar e resolver problemas

"[...] Ouvimos depoimentos fortes: professores que percorrem muitos quilômetros, a pé ou de bicicleta, para dar aula, alguns dentro da mata fechada; professores que em época de tempestade precisam resgatar as crianças de dentro da lama; outros que lecionam em escolas sem paredes, cobertas com lona, com mesas e cadeiras feitas de pedaços de madeira colhidos no mato [...]. Professores que apesar da pouca formação discutem os PCN, são ávidos leitores – chegam a colher pedaços de jornal nas ruas para ler –, assistem à *TV Escola*, como Paulo Henrique, de Santa Teresinha[...]".²⁰

"Antônia leciona na Escola Municipal Céu Azul, em um pequeno galpão, sem paredes, coberto com telhas compradas com seu próprio dinheiro, a 110 km da sede do município. Parou de estudar ainda menina, após concluir a 4ª série. Voltou agora, aos 43 anos, com 12 de Magistério. E enfrenta junto com mais 1610 professores do Mato Grosso do Sul atendidos pelo Proformação, o desafio de aprender e ao mesmo tempo ensinar".²¹

"A professora Silvia dá aulas em um curral que ela mesma limpa todos os dias. Mesmo sem cadeiras para as crianças sentar e sem quadro para escrever, ela nunca se desanima. Improvisa tudo, e todos os dias de madrugada se encaminha cantarolando para o que considera seu maior desafio: fazer seus alunos esquecer as dificuldades e aprender".²²

Como não se desanimar diante das diferentes dificuldades que fatalmente o docente encontrará em sua prática? Como adquirir a coragem e a perseverança necessárias para aprender sempre, aprimorar seus conhecimentos e tornar-se um bom professor? Como não depender de outras pessoas para construir uma prática educacional bem-sucedida e conduzir bem seus alunos? Como desenvolver bem os diferentes temas curriculares, fazendo com que os alunos aprendam de fato e não aumentem os índices que envergonham a nação (índices

¹⁸ Revista *TV Escola*, n. 19, p. 7, maio/jun. 2000.

¹⁹ Retirado da carta do editor (Cláudio Pucci) da revista *TV Escola*, n. 19, p. 4, maio/jun. 2000.

²⁰ Simone Medeiros narrando a reação de professores leigos do Mato Grosso à chegada do Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação). Revista *TV Escola*, n. 19, p. 30, maio/jun. 2000.

²¹ Revista *TV Escola*, n. 17, p. 24, out./nov. 1999.

²² Reportagem do *Jornal Futura*. Essa mesma reportagem foi também divulgada pelo *Jornal Nacional* em um episódio de uma série de reportagens destinada a avaliar "como anda a educação no Brasil".

de analfabetismo, repetência e evasão escolar, defasagem idade-escola, violência e criminalidade)? Como fazer bom uso de diferentes materiais enviados às escolas? Estas perguntas são feitas nos textos analisados, com a promessa de que vão ajudar os docentes a encontrar saídas para a resolução desses problemas.

Na mídia educativa ensina-se, então, que o docente deve ser corajoso, "driblar" todos os problemas, desdobrar-se e estudar, aprender a fazer de modo diferente. Ensina-se que o professor deve contornar todos os problemas que encontrar em sua prática. Isso ocorre em uma espécie de imbricamento entre múltiplos ensinamentos divulgados nos programas televisivos, na revista e nos comerciais analisados. Assim, se o *Nota 10* explica as teorias pedagógicas e mostra professores exemplares (comumente de escolas privadas) para serem imitados; o *Jornal Futura* mostra aquela que "ensina em um curral" ou aquela que "ministra aulas para alunos de várias séries em uma mesma turma". Se o *Ação* faz os professores (e a população brasileira) sonhar com uma escola pública de qualidade e com uma sociedade mais justa para todos, onde a "solidariedade impere"; o *Acelera Brasil* mostra que esse sonho pode tornar-se realidade, desde que todos (especialmente os professores) façam "a sua parte". Se o *Amigos da escola: focos de atuação* e diferentes peças publicitárias apresentam professores receptivos e solidários com os voluntários da educação e com a comunidade escolar e que também são voluntários da educação quando encontram um tempo para fazê-lo; a revista *TV Escola* mostra como a junção disso tudo é fundamental para a melhoria da educação brasileira. Mostra professores que trabalham do modo "correto", explorando os efeitos do que aprenderam na melhoria da escola pública.

No discurso analisado é divulgado que "a mobilização dos professores à procura de aperfeiçoamento reforça o otimismo com que trabalhamos pelo ensino público"²³ e que "a coragem torna o professor capacitado a encontrar as soluções para os seus problemas". É informado que "os professores estão entusiasmados com os PCN. 'É a nossa Bíblia', dizem bem-humorados";²⁴ ou que: "Com entusiasmo e coragem, os professores têm conseguido transformar bons projetos em realidade".²⁵

Além disso, nos textos midiáticos analisados são divulgados vários depoimentos de professores corajosos, perseverantes e empreendedores. Eles são mostrados porque não se desanimam diante das carências das escolas, nem das dificuldades encontradas para estudar e atualizar-se. Assim, com matérias que possuem títulos como: "Dias fora de casa", "Medo de vaca brava", "Nadando até a escola", "Dicionário à prestação", "Metodologia do córrego ao mar", "Quando há vontade política de todos"²⁶ etc., os textos midiáticos mostram a coragem e a perseverança de alguns/algumas professores/as que não medem as dificuldades, driblam os problemas, fazem o que for preciso para estudar, aprender e crescer, tornando-se professores/as capacitados/as a praticar um ensino de boa qualidade. São citados vários exemplos de professores/as corajosos/as: um professor "percorre 20 km de bicicleta para estudar"; uma professora "anda 14 km"; um outro "anda 2 km com água na altura dos joelhos, carregando os alunos menores"; outro "tem de atravessar o rio a nado. 30 metros de ida e 30 de volta" etc.

Por meio da técnica do relato das dificuldades enfrentadas na prática educacional e de estratégias que fazem docentes driblarem os problemas, os textos midiáticos demandam um docente que tem entusiasmo e é corajoso; que não se desanima diante das dificuldades, enfrenta os problemas encontrados e age com maior autonomia na busca de soluções para os problemas educacionais e sociais. Considero que o apelo à coragem, à perseverança e ao empreendimento está relacionado à "re-visão" do perfil profissional adequado ao/à docente para a atualidade. Para isso, o discurso midiático vale-se do uso de técnicas de conscientização, sensibilização e responsabilização articuladas à produção da necessidade da coragem e da perseverança do docente. Assim, nesse discurso, quando se enuncia a necessidade de

²³ Cláudio Pucci, na carta do editor da revista *TV Escola*, n. 21, p. 4, out./nov., 2000.

²⁴ Revista *TV Escola*, n. 17, p. 20, out./nov. 1999.

²⁵ Revista *TV Escola*, n. 21, p. 44, out./nov. 2000.

²⁶ Essas matérias citadas encontram-se na revista *TV Escola*, n. 17, p. 24-29, out./nov. 1999 e na revista *TV Escola* n. 15, p. 26-29, maio/jun. 1999.



desenvolver determinadas capacidades "para a autonomia" dos professores, tais capacidades podem ser entendidas como: entusiasmo, coragem, responsabilidade, empreendimento, disposição para aprender e habilidade para solucionar problemas.

A relação entre as habilidades demandadas dos docentes e o governo de sua ação

Entretanto, todas as "fórmulas de governo" dependem de um conhecimento daquilo que deve ser governado. Mas conhecer um objeto de forma que possa ser governado requer a invenção de uma variedade de procedimentos de observação, registro ou notação, coleta e apresentação de estatísticas, cálculos, julgamentos, relatos, depoimentos etc. (cf. Miller e Rose, 1993). Por meio de procedimentos desse tipo, objetos como a educação, a formação e o trabalho docente são traduzidos de uma forma conceitual particular; são transformados em problemas e tornados receptivos à intervenção. No processo de intervenção, estratégias e táticas são planejadas e articuladas a uma linguagem do discurso. Nesta, são construídos os objetivos, a gramática de análises, prescrições e avaliações, expressas em um vocabulário que justifica a necessidade dos programas e das intervenções e, no caso do discurso aqui analisado, que mostra os resultados positivos alcançados nos espaços em que as intervenções ocorreram.

Nas habilidades demandadas dos docentes no discurso da mídia educativa, é evidente um investimento no controle da sua formação e do seu trabalho para fazer com que, aos poucos, os próprios docentes possam se auto-governarem e auxiliarem no governo dos outros. Técnicas como "motivação", "sensibilização", "mobilização do grupo", "conscientização", "auto-avaliação", "observação da realidade em que vivem", "diálogo com a comunidade", "reflexão" (sobre si mesmo/a, sobre sua prática, sobre sua relação com o outro, sobre sua conduta, sobre o seu papel e sobre as necessidades dos/as seus/suas alunos/as), "exteriorização de sentimentos ou emoções", "a fala ou o relato de experiências" (com detalhes minuciosos de como ficou motivada, como planejou, onde procurou inspiração, como fez para despertar o interesse dos/as alunos/as, como esclareceu suas dúvidas etc.) são utilizadas e ensinadas pela mídia educativa no treinamento dos docentes para que eles próprios possam exercer o governo de si.

Contudo, esses mesmos professores, tendo internalizado tais técnicas e depois de esclarecidos sobre sua importância, deverão tanto usá-las em seu trabalho como multiplicar para seus colegas aquilo que aprenderam. Nesse sentido, embora os textos midiáticos abordem a necessidade da "formação do olhar" docente, de tornar-se curioso/a e criativo/a, de ter coragem e persistência (considerando essas habilidades importantes para o trabalho docente), as técnicas utilizadas, ensinadas e divulgadas nos procedimentos de orientação, aconselhamento e prescrição, em sua maioria, ensinam ao/à docente as habilidades necessárias para que "gerenciem a sua própria formação" e auxiliem no "treinamento" de outros.

No discurso midiático analisado, as estratégias de governo utilizadas – denominadas por Nikolas Rose (1996b) de "liberais avançadas" – "amarram o governo ao conhecimento positivo da conduta humana" (Rose, 1996b, p. 41). Fazendo com que os docentes reflitam sobre si e se conheçam, a mídia educativa nem precisa fazer a denúncia dos problemas educacionais. As estratégias adotadas levam os próprios docentes a identificarem os problemas e a se co-responsabilizarem por suas soluções. Assim, a mídia educativa privada alia-se ao Estado e outorgam-se o direito de governar a população por meio da "formação docente" e da "intervenção em seu trabalho". Isto é feito, então, prescrevendo-lhe regras, condutas, práticas, modos de "ver a realidade", de conduzir-se, de avaliar-se, de empenhar-se para melhorar a educação.

Muitas vezes as técnicas usadas na formação do professor, na sua orientação e nos aconselhamentos, são manejadas de tal modo que parecem surgir diretamente dos próprios docentes, quando esses aprendem a espreitar o olhar sobre si, sobre seus alunos e sobre a



educação escolar; quando passam a falar sobre o que aprenderam, sobre suas práticas e suas experiências; quando se sentem convencidos da necessidade de multiplicar o que aprenderam e divulgar aquilo que dominam e que os fazem gerenciar sua própria formação. É nesse processo que a mídia educativa autoriza-se a administrar práticas e atividades educacionais governando o próprio docente ou ensinando que ele mesmo se governe para que, posteriormente, ele exerça o governo dos outros e seja mais um aliado no processo de governo de Estado.

Conclusão

Condições sociais, éticas e econômicas possibilitaram que diferentes instituições, grupos e indivíduos considerassem legítimas, necessárias e exequíveis suas ações no campo educacional, suas intervenções no processo de formação e trabalho docente e, conseqüentemente, na escolarização de crianças e jovens brasileiros/as. E o funcionamento dessas intervenções produz efeitos tanto para a educação escolar como para todos/as nós, já que modificam-se e intensificam a regulação sobre a formação e o trabalho docente por instâncias de controle que usam outras técnicas, outras táticas e outras estratégias em grande parte diferentes daquelas usadas no processo de escolarização formal.

Técnicas de administração e regulação são exercidas sobre os docentes, porque o "treinamento" desses faz parte dos cálculos das forças políticas e dos objetivos de instituições. O Ministério da Educação está envolvido na administração calculada das forças e potências dos professores tanto quanto a mídia educativa privada, ainda que cada instituição tenha seus próprios objetivos. A "formação", a "qualificação" ou a "reorientação" do docente parecem ser estratégicos no campo das prioridades do Brasil porque é preciso governar as capacidades pessoais e subjetivas da população brasileira. A escola é certamente uma das vias desse governo. Daí a infinidade de programas para o "treinamento" do professor, de estratégias para reorientar sua conduta e de técnicas para explorar a capacidade de cada um.

O tipo de professor demandado recebe no discurso da mídia educativa os cuidados e o investimento de técnicas e de estratégias específicas, de táticas operacionais e de orientações, aconselhamentos e prescrições dados pelo MEC e pela mídia educativa privada para moldar e governar a sua conduta. É todo um investimento feito para produzir um tipo de professor que deve construir as novas práticas de ensino, fazer as práticas educacionais bem-sucedidas, conduzir a si mesmo e a seus alunos de modo eficiente, fazendo com que deem "certo na escola e na vida". Público e privado trabalham com as mesmas metas, porque a "administração da subjetividade tem se tornado uma tarefa central da organização moderna". Para Rose (1988) "as organizações vieram preencher os espaços entre as vidas 'privadas' dos cidadãos e as preocupações públicas dos governantes" (Rose, 1988, p. 32). Nesse sentido, a administração do docente na atualidade foi incorporada aos objetivos e aspirações dos poderes públicos e de diferentes organizações; a mídia educativa é apenas uma delas. Na mídia educativa, então, a formação e o trabalho docente são cuidadosamente administrados porque servem a determinados fins políticos e sociais do País.

O discurso analisado configura-se assim em um sistema prático de governo e autogoverno, constituído por um sistema misto que engloba a sociedade e o Estado, o público e o privado, grupos empresarias e o MEC. A *governamentalização* (neo)liberal utiliza os textos midiáticos de formação de professores para incorporar saberes disciplinares e as questões sociais às técnicas governamentais. Nesse processo, os indivíduos são envolvidos em exercícios de autonomia e liberdade de escolha. Os textos midiáticos destinados à "orientação" e à "qualificação" dos professores em serviço são, portanto, uma eficiente "invenção" de novos modos de ação do governo liberal, destinados a conduzir indivíduos, grupos e instituições. Entendo que esse discurso tem uma função governamental, na medida em que inscreve formas calculadas de ação sobre as condutas dos docentes, para atingir certos objetivos sociais e políticos (cf. Rose, 1996a e 1997b). Ele habilita os docentes a viverem certas



experiências e a tornarem-se sujeitos de um certo tipo. Nesse sentido, os próprios sujeitos demandados no discurso midiático, tendo assumido sua responsabilidade pelos problemas educacionais, realizarão experiências no território da educação e agirão intervindo nos problemas considerados centrais desse campo; um campo que continuará sempre aberto a outras ações e intervenções...

Em síntese, como mostrei neste estudo, no discurso da mídia educativa sobre a educação escolar são usadas estratégias de governo que precisam contar com a aceitação dos docentes para se efetivarem. São usadas técnicas e táticas heterogêneas com o objetivo de governar os professores a distância. Embora tenham sido exploradas as técnicas emotivas e responsabilizadoras usadas no governo dos docentes, um exame atento e comparativo permitirá ver uma grande semelhança dessas com as técnicas empresariais usadas na conduta empresarial de qualquer empresa econômica liberal: responsabilidade, dedicação, criatividade, empreendimento, auto-capacitação, auto-realização, habilidade na resolução de problemas e, mais recentemente, solidariedade (ou voluntariado).

Um último relato:

Recentemente, assisti a uma reportagem apresentada no *Jornal da Globo* (transmitido de segunda a sexta-feira pela Rede Globo de Televisão, por volta das 23h30) que me parece oportuna para concluir este trabalho. Ana Paula Padrão (apresentadora do *Jornal*) fez a seguinte chamada: "Você é daqueles que ainda acredita que os patrões querem empregados que madrugam no trabalho, que só pensam nele e que procuram a todo custo fazer suas tarefas com rapidez e eficiência? Se for, você está muito enganado. A reportagem que vocês vão ver agora aqui no *Jornal da Globo* mostra que os tempos mudaram, e o perfil profissional que as empresas desejam é outro". A reportagem descreve e comenta os novos atributos do profissional desejado.

Ao final da reportagem, um analista de mercado sintetiza:

"Hoje, o que as empresas querem é um profissional ágil, criativo, flexível, que tenha uma boa visão da realidade, caminhe sozinho, e que tenha engajamento e responsabilidade social. Por isso, ao selecionar profissionais para as suas empresas, os patrões têm preferido aqueles que tenham em seu *curriculum* experiências como voluntários. Isto porque profissionais que se envolvem com essas ações não precisam ser comandados: eles são eficientes e responsáveis por eles mesmos".

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Qualquer semelhança entre as técnicas acionadas no discurso da mídia educativa para o governo das condutas dos professores e as características que constituem o "novo" perfil do profissional desejado pelas empresas brasileiras não é mera coincidência!

Referências bibliográficas

BURCHELL, G.; GORDON, C. e MILLER, P. (Ed.) *The Foucault effect: studies in governmentality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, p. 1-52.

CRUIKSHANK, B. *The will to empower: democratic citizens and other subjects*. Nova York: Cornell University Press, 1999.

DEAN, M. *Governamentalidade: power and rule in Modern Society*. Great Britain: Sage, 1999.

FOUCAULT, M. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1991.

_____. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e linguagem*. Lisboa: Edições Cosmos, n. 19, 1993, p.203-223.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio: Forense, 1995a, p. 231-250.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1995b.

_____. Segurança, território e população. In: *Resumo dos cursos do Collège de france*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

_____. Do governo dos vivos. In: *Resumo dos cursos do Collège de france*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997b.

_____. A governamentalidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio: Graal, 2000a. p. 277-293.

_____. O olho do poder. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio: Graal, 2000b. p. 209-228.

HINDESS, Barry. Politics and governmentality. *Economy and society*, n.2, v.26, 1997, p.257-272.

MILLER, P. e ROSE, N. Governing economic life. In: GANE, M. & JOHNSON, T. (Ed.) *Foucault's new domains*. Londres: Routledge. 1993, p. 75-105.

PARAÍSO, M. Modos de ensinar em um currículo de formação docente: estratégias usadas na mídia educativa brasileira. Trabalho apresentado no XII ENDIPE, realizado em Curitiba, de 29 de ago. a 21 de set. de 2004.

ROSE, N. ROSE, N. *Inventing our selves: psychology, power, and personhood*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996a.

_____. Governing "advanced" liberal democracies. In: BARRY, A; OSBORNE, T.; ROSE, N. (Ed.) *Foucault and political reason: liberalism, neo-liberalism and rationalities of government*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996b, p. 37-64.

_____. El gobierno em lãs democracias liberales "avanzadas": Del liberalismo al neoliberalismo. In: *Archipiélago: cuadernos de la cultura*, n.29, 1997, p.25-40.

_____. Como se deve fazer a história do eu? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-58, jun./jul. 2001a.

_____. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.



Revistas analisadas e citadas:

REVISTA *TV Escola*: n.14, SEED/MEC, mar./abr. 1999.

REVISTA *TV Escola*: n. 15, SEED/MEC, maio/jun. 1999.

REVISTA *TV Escola*: n.16, SEED/MEC, ago./set. 1999.

REVISTA *TV Escola*: n. 17, SEED/MEC, out./nov. 1999.

REVISTA *TV Escola*: n.18, SEED/MEC, mar./abr. 2000.

REVISTA *TV Escola*: n.19, SEED/MEC, maio/jun. 2000.

REVISTA *TV Escola*: n.20, SEED/MEC, ago./set. 2000.

REVISTA *TV Escola*: n.21, SEED/MEC, out./nov. 2000.